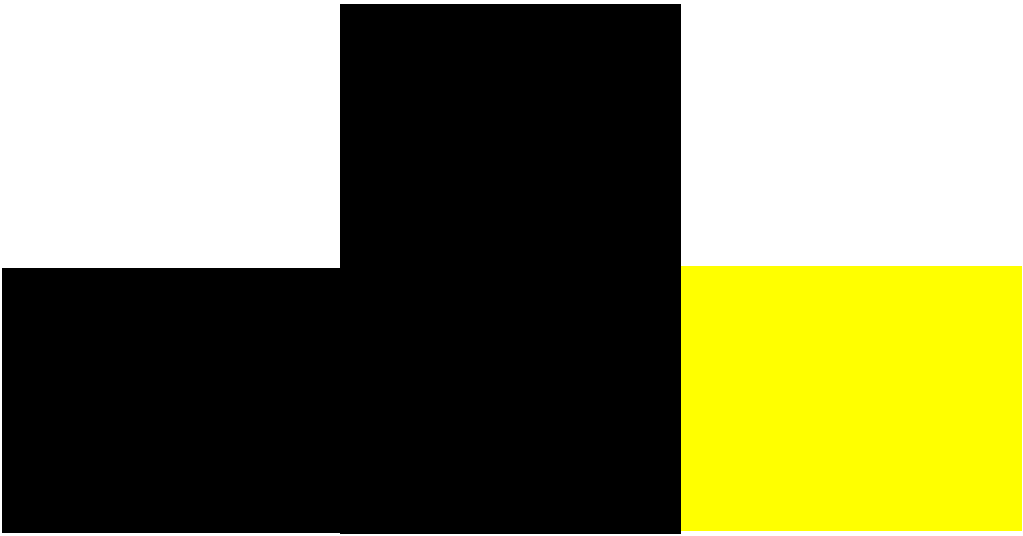




A improvisação além do motim

Frederico Lyra de Carvalho

Doutor em filosofia pela Universidade de Lille, musicólogo. Ensinou em várias universidades francesas e atualmente é pesquisador em pós-doutorado pela USP. Faz parte do corpo editorial das revistas Passages de Paris, Jaggernaut e Sinal de Menos.



Componente fundamental da sua teoria do tempo presente, para o filósofo brasileiro Paulo Arantes, os motins são um sintoma da nossa época, "a era da emergência"¹. Eles se tornaram a principal manifestação prática das lutas sociais em todo o mundo. Eles também encarnam toda a ambiguidade de um presente difícil de discernir. Emergência pode ser lida em dois sentidos. De um lado, algo que emerge, que chega de forma absolutamente inesperada, não se sabe bem de onde, como um evento. Por outro, a emergência (no sentido do inglês "emergency") como um risco vital que se trata o mais rápido possível como uma urgência: um incêndio ou algo que exige uma ambulância, por exemplo. Daí o título de um ensaio de Paulo Arantes: "*Alerta de incêndio no gueto francês*".

Essa filosofia da história de um tempo de urgência encontra, portanto, seu objeto político paradigmático nos motins dos subúrbios franceses de 2005 — paradigma que o levante Nahel entre junho e julho de 2023 parece ter atualizado de maneira bastante radical. No rescaldo da grande crise de 2008, uma segunda primavera dos povos se inaugura com a Primavera Árabe de 2011, saudada por Alain Badiou como um *Despertar da História*². Enquanto a *emergência* desencadeada pela Covid-19 parecia encerrá-los, os motins voltaram ao palco. Eles expõem radicalmente todas as fraturas da sociedade capitalista e particularmente da sociedade francesa: "um evento histórico-filosófico apesar de tudo negativo em sua carga entrópica evidente". Afinal, em uma era de emergência, sustenta o filósofo brasileiro, "um evento só pode ser negativo"³.

Na França, como os eventos de 2005 mostram, os motins não esperaram a crise do capital para retornar. Eles são quase uma rotina desde pelo menos os de Minguettes em 1981. Notando que em todo o mundo os motins se multiplicam desde os anos 1960, Joshua Clover considera que nossa época corresponde a uma era dos motins⁴.

1 Para uma introdução ao pensamento de Paulo Arantes, veja « L'autre sens. Une Théorie critique à la périphérie du capitalisme. Paulo Arantes em entrevista com Frederico Lyra », *Revue Variations*, vol. 22, 2019.

2 Cf. Badiou, Alain, *Le Réveil de l'Histoire*, Clamency, Lignes, 2011.

3 Arantes, Paulo, 2014, « Alarme de incêndio no gueto francês », *O Novo tempo do mundo*, São Paulo, Boitempo, p. 252.

4 Alguns elementos deste texto apareceram em artigo precedente: Lyra de Carvalho, Frederico, 2021, « Motins, emergência, entropia e improvisação », *Revista de filosofia moderna e contemporânea*, v. 9, n.

O fato de que os motins possam nomear uma época traz problemas não identificados por Clover, que está muito ocupado em saudá-los sem discernimento. Se o que deveria ser um evento radical, a origem desencadeadora de uma sequência revolucionária, se torna uma rotina, então há um limiar que não é cruzado. Essa radicalidade ambígua, portanto, merece uma reflexão aprofundada. A multiplicação dos motins não funciona como uma espécie de laço temporal que, na realidade, aprisiona um poder ainda mais radical cuja liberação total seria barrada justamente por essas revoltas? Como superar esse limiar e talvez aboli-lo? Nossa hipótese é que a única maneira de fazer isso é inventando uma certa prática de *improvisação*, ou seja, uma política frágil e precária adaptada à urgência permanente da era da emergência.

* * *

Hoje, os motins, e não mais as greves, têm primazia nas lutas sociais. Os motins são o sinal de um deslocamento dos locais de luta. Se a greve tinha a fábrica como seu local paradigmático, os motins são um fenômeno urbano, próprios dos locais de circulação de mercadorias e de populações. São uma materialização objetiva da longa crise estrutural na qual o capitalismo está mergulhado desde os anos 1970. "Uma teoria do motim é uma teoria da crise"⁵. A forma do motim, conforme Clover, é uma manifestação das populações excedentes, vítimas do desemprego estrutural e do crescente substituição do trabalho vivo pela maquinaria, desde as revoluções da microeletrônica e do digital. Os despossuídos, que não encontram mais lugar dentro do sistema, estão no centro dos motins. Ao mesmo tempo, os motins são caracterizados por sua afasia. Não são organizáveis: emergem. Eles não seguem uma direção pré-estabelecida e é impossível dirigí-los. O motim é sempre violento e ataca a onipresença policial sem, no entanto, compreender o funcionamento geral do poder.

Clover periodiza a história do capitalismo industrial em três grandes ciclos, cada

3, p. 81-97.

5 Clover, Joshua, 2018, *Émeute prime*, Genève, Entremondes, p. 25

um em função de uma forma hegemônica de luta. O título do livro faz referência a esses três momentos: Riot. Strike. Riot. O primeiro ciclo se situa *grosso modo* entre 1740 (início da Revolução Industrial na Grã-Bretanha) e a Revolução de 1848. É o primeiro período dos motins, e as lutas tinham então como locais principais os portos e os mercados das cidades. Naquela época, o capital começava a integrar as massas de camponeses que migravam para as cidades nas cadeias de produção da crescente industrialização. As reivindicações estavam ligadas aos problemas do poder de compra e à subsistência dos trabalhadores. O segundo ciclo seria aquele que estrutura o imaginário e a prática clássica da luta de classes, com os trabalhadores se organizando em sindicatos e partidos. Seu paradigma é a greve. A era hegemônica das greves se estende de 1848 até 1973, o ano do primeiro choque petrolífero, do fim de Bretton Woods e do início da deslocalização das cadeias de produção conhecida como globalização. A greve torna-se o modo de luta mais adaptado ao modelo de produção fordista. Um modo de organização da produção industrial e da sociedade capitalista em decomposição desde já um meio século. As greves, sabemos, estão sempre lá, elas não pararam de um dia para o outro, mas elas não têm mais como objetivo a aquisição de novos direitos, mas sim a defesa de direitos adquiridos. Robert Kurz, à sua maneira, havia notado que o fracasso das greves de 1995 na França marcava o canto do cisne da era das greves e explicitava uma mudança de fundo no mundo do trabalho porque, entre outras coisas, ela ocorria nos serviços (o metrô de Paris, notadamente).

Se a Revolução de 1848 marca a passagem do motim para a greve, a passagem da greve para o motim é um processo mais longo que se estende do meio dos anos 1960 — com os motins após o assassinato de Martin Luther King pelo Estado norte-americano — até o início dos anos 1990 e se intensificou até explodir após 2008. Em sua reencarnação, os amotinados não atacam mais os portos ou os mercados, mas ocupam as ruas e as praças. É o grito tumultuado dado pelos excedentes que tentam a todo custo ter um lugar dentro da esfera do consumo. Assim, segundo Clover, "a nova era encontra seu paradigma nos motins de Los Angeles em 1992, após a absolvição dos policiais que haviam sido filmados

espancando Rodney King após uma abordagem de trânsito⁶. A esse respeito, Bento Prado Jr. dizia que "os efeitos destrutivos da globalização do capitalismo produzem uma 'terceirização' do Primeiro Mundo: por exemplo, os eventos recentes em Los Angeles mostram a explosão do Ruanda no coração mesmo da Califórnia"⁷. Por um lado, Bento Prado Jr. não via as possibilidades democráticas e radicais que se abriam em Los Angeles. Por outro lado, Clover não notou que o *fim da história* coincide com o retorno da era dos motins.

* * *

Como pensar os problemas iminentes aos motins? Encontramos algumas pistas nas *Teses de Los Angeles*, publicadas em 2015 pelo grupo *End Notes*. Olhemos a tese 7 de perto: "É por isso que pensamos que é crucial estudar em detalhe o desenrolar das lutas. É nessas lutas sozinhas que se desenha o horizonte revolucionário do presente. Ao longo delas, os proletários *improvisam* regularmente soluções para o problema da composição. Eles designam uma unidade fictícia além dos termos da sociedade capitalista (últimas em data: black bloc, democracia real, movimento 99%, *Black Lives Matter* etc.) como meio de lutar contra essa sociedade. Uma vez que cada uma dessas *unidades improvisadas* acaba por se desfazer, seus fracassos acumulados fornecem a cartografia das separações que deverão ser superadas por um movimento comunista no tumulto de uma revolução contra o capital"⁸. A isso nós adicionamos a observação de Clover: "A greve e o motim são lutas práticas sobre a reprodução, respectivamente na produção e na circulação. Suas forças são ao mesmo tempo suas fraquezas. Elas fazem *um uso do terreno* que é estruturado e *improvisado*, mas é um terreno que elas não constituíram nem escolheram. O motim é uma luta sobre a circulação porque o capital, como aqueles que ele despossuiu, foram levados a buscar sua reprodução lá"⁹.

6 Clover, Joshua, 2018, *Émeute prime*, op. cit p. 34.

7 Prado Jr, Bento (2021), « O relativismo como contraponto », *Formação e Desconstrução*, São Paulo, 34, p. 151-152.

8 End Notes (2015), *Thèses de Los Angeles*, disponible sur : <https://sans-soleil.com/actualites/theses-de-los-angeles-endnotes/> Data de consulta : 04 mai 2024. Nous soulignons. Nós sublinhamos.

9 Clover, Joshua, cit. p. 65-66. Traduction modifiée.

Em outras palavras, as soluções imediatas aos problemas imanentes da luta que tomam forma no motim só podem funcionar provisoriamente. Não é possível antecipar tudo em sua totalidade. Isso exige novas práticas de composição e unificação coletivas em tempo real que só podem ser inteiramente *improvisadas*. O mesmo acontece com a relação com o terreno, o ambiente e os obstáculos que *emergem* na situação. Nada pode ser decidido ou planejado antecipadamente, tudo é objetivamente a fazer no movimento do motim. Nos termos de Jean-François Raymond, o motim "ilustra a improvisação coletiva como a festa da qual ela frequentemente toma a forma, mobilizando o que estava estagnado, resolvendo ao fazê-las explodir as contradições das instituições"¹⁰.

Em uma era tanto de *emergência* quanto de *motins*, pode ser que uma forma informal como a *improvisação* política tome seu lugar. Na era da emergência, a organização só pode ser invenção e auto-organização, não há mais tempo para formas pré-estabelecidas. A experiência política da necessidade se transforma em seu relacionamento inevitável com o curto prazo. As antigas receitas práticas e referências estão todas em crise, precisamente por causa da nova condição de emergência. Em um tempo de emergência, é difícil que a experiência se acumule e que se possam repetir práticas e ações. É como se tudo estivesse a ser refeito a *cada* instante.

Os fracassos e os limites aparentes dos levantes desses últimos anos parecem ter recolocado em cena o problema da organização política¹¹. Mas será que o problema é realmente organizacional? Não deveríamos estar conscientes de que o tempo do mundo realmente mudou, que a forma de toda luta é objetivamente subsumida a esse novo tempo de emergência e que a questão da organização é um engano? Para entrar em fase *contra* essa época, o que talvez falte é menos uma teoria da organização do que uma teoria que pense uma prática capaz de lidar com o curto lapso de tempo que se tem para uma ação eficaz. É a improvisação política que poderia se sistematizar em uma capacidade de intervir nas situações de motim de maneira a revertê-lo contra si mesmo. Muito mais do

10 Raymond, Jean-François, (1980), *L'improvisation*, Paris, Vrin, p. 94-95.

11 Cf: Nunes, Rodrigo (2021), *Neither vertical nor horizontal*, London/New York, Verso.

que um golpe, precisamos de um *contragolpe*: ir além do motim, tentar sua abolição.

* * *

Com uma dose substancial de otimismo, Clover vê um possível encadeamento lógico no desenrolar imanente do motim: "o motim, o bloqueio, a ocupação e, no horizonte distante, a comuna"¹². Até agora, a realidade parece desmenti-lo. Paulo Arantes observa que Clover não consegue pensar nos motins de *extrema direita*¹³. Afinal, mesmo que tenham terminado em fracassos, os dois motins mais assustadores e espetaculares dessa era foram bem a invasão do Capitólio em Washington em 6 de janeiro de 2020 e a depreciação de Brasília em 8 de janeiro de 2023.

Se é verdade que as duas tentativas de golpe de estado foram organizadas com antecedência e falharam, é importante notar que o momento disruptivo do motim foi colocado pelos golpistas como necessário para o sucesso do processo. Talvez sem o motim eles pudessem ter tido sucesso, mas também é possível que sem as invasões dos locais de poder brasileiro e norte-americano, as tentativas teriam se limitado a simples performances discursivas. Se o *levante Nahel* foi mais curto, mas mais intenso do que o de 2005, seu *caráter destrutivo* foi ainda mais flagrante.

No entanto, de um dia para o outro, os motins pararam sem muita explicação ou razão aparente. Eles se esgotaram e ponto final – ou não? Mais uma vez, um limite foi encontrado e um limiar não foi cruzado. Que direção eles teriam tomado se tivessem durado um pouco mais? Quanto tempo teria passado antes de mudarem de forma, deixando aquela da revolta? Não há uma maneira de sair deste loop? É possível pensar na alternativa entre revolução ou entropia? Talvez a *saída* esteja em outro lugar, e não no ou a partir do motim. Será que uma improvisação permitiria, de fato, virar-se *contra* o motim para aboli-lo? *A Abolição improvisada*, e não a superação do mundo constituído. Nada é certo, exceto que não há mais tempo.

12 Clover, Joshua, cit., p. 53.

13 Arantes, Paulo (2022), « Antes que seja tarde demais: de Junho a outubro », *Margem esquerda*, n. 39, p. 122-137.